

RESUMO EXPANDIDO

(anexo, formatado conforme normas)

QUANDO MINERVA DANÇA COM AS MUSAS: CIÊNCIA E ARTE NO MUSEU GOELDI

(Apresentação Oral)

Objeto: Exposição de ciência e arte em instituição museal científica.

Objetivos: Ampliação dos horizontes expositivos da instituição com tradição estritamente científica através de exposição em que ciência e arte têm a mesma representatividade e importância.

Metodologia: Exposição centrada em arte rupestre pré-histórica sob a ótica de uma arqueóloga, um artista plástico, um poeta e um cineasta.

Resultados: V. descrição anexa.

Observação: A apresentação oral será em formato “Power Point” e realizada por um dos autores.

Em seus quase 150 anos de existência, as iniciativas expositivas do Museu Paraense Emílio Goeldi sempre obedeceram à missão institucional de difundir o conhecimento científico da Amazônia. Durante a reestruturação fundamental da casa em 1889, definiu-se que as áreas de atuação do Museu seriam “a História Natural e a Etnografia” – esta última se estendendo também à Arqueologia, haja vista a riqueza das cerâmicas encontradas na região datadas de antes do Descobrimento. Desta maneira, ao longo de século e meio sucederam-se várias exposições enfocadas em assuntos e questões referentes ao estudo científico da flora, da fauna e do homem amazônicos no tempo e no espaço.

Entretanto, em 2013 ocorreu não uma ruptura, mas uma expansão das fronteiras expositivas do Museu. Pela primeira vez, um curador – pesquisador da instituição – veio a propor uma exposição em que o seu objeto de estudo era abordado não apenas sob a ótica da ciência, mas também através dos pinceis, do verbo e das lentes de três profissionais criativos de áreas alheias ao universo estritamente científico. A arqueóloga Dra. Edithe Pereira, que há vários anos vem estudando as pinturas e gravuras rupestres da região de Monte Alegre, no Estado do Pará, convidou o arquiteto e artista plástico Mário Baratta, o poeta Juracy Siqueira e o cineasta Fernando Segtowich para uma excursão a seu “teatro de operações” para que expressassem, através de suas respectivas artes, suas impressões desses registros na pedra. Isso resultou na exposição “Visões: A Arte Rupestre de Monte Alegre”, onde a informação científica da arqueóloga encontrou paralelo nas aquarelas, na poesia e no vídeo desses artistas.

Comum entre as quatro visões foi o fato de serem todas releituras onde o objeto focal – a arte rupestre – (con)funde com o seu contexto. As pinturas e gravuras na pedra, milenares manifestações da cultura material de povos há muito desaparecidos, foram interpretadas à luz da arqueologia, no âmbito da cultura do homem amazônica, e sua estética ressignificada em termos pictóricos, vocabulares e imagéticos, considerando o substrato natural sobre o qual foram pintadas ou gravadas. A paisagem de fundo que para o arqueólogo indicava possíveis moradias ou refúgios que abrigavam os autores/artistas das figuras originais, para o artista plástico e o cineasta representava um contínuo harmonioso entre o natural e a intervenção humana. Já o poeta identificou rostos e gestos, expressando uma dinâmica nos traços sobre a pedra que contam histórias e dialogam com crianças.

O trabalho dos quatro autores/co-curadores “visionários” produziu, sobre o mesmo assunto da arte rupestre de Monte Alegre: (a) um livro de divulgação científica; (b) quinze aquarelas produzidas in loco; (c) um livro didático infantil de poemas; e (d) um vídeo de 17 minutos. A exposição mostrou fotos das pinturas e amostras de pedras gravadas com textos explicativos, as aquarelas, uma seleção dos poemas do livro e o vídeo. O projeto ainda também compreendeu uma visita conjunta dos autores à cidade de Monte Alegre, onde a primeira versão da exposição foi eventualmente montada. Com uma equipe que incluía educadores e comunicadores, os quatro articularam-se com escolas da comunidade para formar uma equipe de monitores/mediadores e cuidar da continuidade do projeto além do período de exibição da mostra. Meses depois, a exposição foi replicada no Museu Goeldi em Belém, adequando-se o material expositivo às novas instalações e acrescentando-lhe recursos de acessibilidade para deficientes visuais e auditivos.

A mostra em Belém tem tido um excelente resultado: em 16 meses de exibição, já recebeu mais de 90 mil visitantes*. Mas o melhor corolário desta iniciativa museal pioneira numa instituição desta categoria foi o de despertar vocações tanto para a ciência como para a arte: vários estudantes que participaram da mediação da exposição, em Monte Alegre e em Belém, requisitaram estágios em arqueologia ou decidiram dedicar-se à pintura e ilustração. Além disso, inspirou a produção de duas histórias em quadrinhos (sendo uma delas uma elaborada *graphic novel*) e uma série de produtos realizados por uma associação de artesãos premiada pelo Ministério do Turismo pela iniciativa. Assim, o propósito do Museu de educar e inspirar os visitantes foi plenamente atingido – agora estendendo-se a outros campos da atividade humana antes inexplorada pela instituição.

Se de fato o Museu Goeldi, já há alguns anos, vem abrindo suas portas para eventos artísticos periódicos como o ArtePará, esta foi a primeira manifestação endógena da casa em favor de uma exposição que apresentasse ciência e arte de maneira conjunta, equalitária e mutuamente complementar. Novos horizontes foram assim descortinados, avançando-se além das exposições inter- ou mesmo transdisciplinares, as quais, em que pese o afã de uma abordagem multifacetada e integral de determinada questão, pautam-se sobre a atividade humana racional e explicativa denominada ciência. O convite à exploração de outras possibilidades criativas propiciadas pela arte valoriza a instituição e celebra o espírito curioso, inventivo e fecundo do ser humano.

*Número de visitantes computado através de livro de registro e contador manual.